



A busca por outros territórios

Deus foi almoçar, de Ferréz

Alexandre Damascena*

Em entrevista ao programa *Provocações*, da TV Cultura, Ferréz disse que viver sem Deus na periferia é muito difícil. Fica então a questão: e como seria viver sem a periferia? A pergunta pode parecer estranha e até desconectada da afirmativa do autor. Sabendo-se que Ferréz é morador do Capão Redondo, favela da periferia de São Paulo, e um dos maiores ativistas da Literatura Marginal, pode haver uma explicação. Tal explanação, concedida a Antônio Abujamra em seu programa, se deu por conta da divulgação do livro *Deus foi almoçar* (2013).

Dois temas são importantes na literatura de Ferréz: fé e território. Mas o que sempre chamou mais a atenção da crítica e do público em sua escrita foram as questões sociais. Estas nascem a partir do território, e o escolhido por ele foi a periferia de São Paulo em que mora. Ferréz trouxe para o centro de suas histórias os conflitos dos moradores do Capão Redondo, revelando uma condição de subsistência conhecida por poucos e ignorada por muitos.

Capão Pecado (2000), um de seus livros mais famosos, é um bom exemplo disso: foi escrito a partir de suas experiências com o

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

seu território, utilizando uma linguagem informal e mostrando o dia a dia violento da comunidade. Violência que não se restringe ao conflito entre polícia e bandido, mas que se revela através do descaso das autoridades para com os moradores dessas regiões, abrindo espaço para que traficantes e muitas igrejas conduzam as suas vidas. Autointitulando-se “autor da periferia”, Ferréz chamou a atenção da mídia e do mercado editorial também para vários escritores que, longe dos grandes centros e das editoras, procuram enfrentar o sistema que os trata como invisíveis e ousam produzir seus próprios livros.

Em *Deus foi almoçar*, o autor resolveu trilhar outros caminhos, que fugissem da questão do território e da periferia. Segundo o próprio Ferréz, na entrevista aludida, muitas vezes o autor se torna prisioneiro do próprio tema: por si mesmo, pelos leitores e principalmente pelos meios de comunicação. Com alguma frequência, a mídia cria estereótipos e transforma certas personalidades em rótulos fechados e monotemáticos. A grande novidade do novo livro de Ferréz é a ausência dos assuntos relacionados à periferia. Segundo o autor, já era hora de falar de outras coisas. Foram oito anos preparando um livro que conseguisse fugir da ideia de localização. Dessa vez, mais do que o lugar, importava mostrar o que havia por dentro do personagem. O conflito deixou de ser exterior para ser interior.

Saem de cena os jovens aprendizes de *Capão Pecado* e entra Calixto, homem de meia-idade com sérios problemas existenciais. Sua crise não decorre da falta de dinheiro, pois trabalha como arquiteto. Também não resulta de nenhum conflito social. Ele sofre de ausência. Ausência da filha, que se foi com a mãe na separação do casal. Ausência de estima e ausência de fé. Embora nesse livro o

autor tenha fugido do tema “periferia”, a ausência de fé em Deus ou num determinado tipo de Deus não é nenhuma novidade, como podemos ver em seu romance de estreia:

Rael tentou se concentrar em Deus, mas pensou no que seria o céu... teria periferia lá? E Deus? Seria da mansão dos patrões ou viveria na senzala? Ele entendeu que tá tudo errado, a porra tá toda errada, o céu que mostram é elitizado, o deus onipotente e cruel que eles escondem matou milhões; tá na Bíblia, tá lá, pensava Rael, mas apresentam como sendo um cara loiro (2000, 69).

Em *Capão Pecado*, a revolta de Rael se deve a um Deus presente na comunidade através das igrejas, mas ao mesmo tempo distanciado, branco. A crítica de Ferréz é por se dar conta de que está tudo errado. As igrejas, o tráfico e os políticos corruptos aproveitam a ausência do poder público para conduzir as vidas dessas pessoas e enriquecer às suas custas.

Rael fechou os olhos e tentou orar, mas não conseguiu. Ele viu tudo errado, o pai que degolou o filho em um momento de loucura química, a mãe que fugiu e deixou três filhos, a grande manipulação da mídia que elege e derruba quem quer, a forte pressão psicológica imposta pela família, o preconceito racial, o pastor que em três anos ficou rico (2000, 68).

Em *Deus foi almoçar*, a divindade ganha outras proposições. Além da ausência de fé, é marcada pelo consumismo do mundo moderno, que continua gerando desigualdades sociais.

Papaizinho, dá moeda pro menino que joga laranja para o alto?
Dou, porque ele é pobre, filha.
Pobre num tem moeda?
Não.
Por quê?
Porque alguns têm todas as moedas.
Por quê?
Porque Deus fez o mundo assim.
Por quê?
Por que o quê?
Por que Deus fez o mundo?
Pra brincar com a gente (2013, 42).

Deus foi almoçar é um livro de transição na carreira de Ferréz. Ele, que ficou marcado por uma obra de periferia, resolveu sair da temática local para a universal. Mais amadurecido e influenciado pela leitura de autores da literatura universal como Dostoiévski, imprimiu várias diferenças em relação aos livros anteriores. Além da mudança temática, optou por poucos personagens e, principalmente, pela troca de uma narrativa de ação por um enredo psicológico. O território, elemento fundamental de seus romances, não aparece aqui, pois o espaço ficcional não é localizado. Tampouco o tempo é marcado, apresentando elementos do passado, do presente e até do futuro. O conteúdo, antes tão ressaltado, perde terreno para a forma. O leitor é transportado para um outro mundo, que parece muito com o nosso e, ao mesmo tempo, é um “não-lugar”.

Calixto é um personagem em desconstrução. Desde as primeiras páginas, fica claro que para ele não resta saída a não ser a morte. A depressão diante da perda da família o tornou impotente perante a vida (“motorista, pare a vida que eu quero descer

do mundo”) e impotente perante o mundo: “Sempre me senti invisível, talvez fosse o meu superpoder, cada ano que ganhava eu era menos notado, e hoje ninguém nem sequer sabe que existo, essa é a impressão que tenho” (p. 24).

Ao longo do livro, Calixto vai se distanciando do convívio com as pessoas, se isolando cada vez mais:

Vejo fotos quando tenho saudade de alguém.
Que coisa feia, pessoas são feitas para se visitar, você pode vê-las enquanto estão lá.
Prefiro fotos, não magoam.
Não magoam como?
Não envelhecem, não reclamam, não mentem, são assim, fotos (p. 80).

A opção pelo drama interno faz com que o livro ganhe um ritmo mais lento, bem diferente da agilidade das narrativas anteriores. O narrador é outro ponto fundamental. Se em outros tempos apresentava verdades absolutas, hoje a verdade é apenas um ponto de vista – por isso, o romance é todo narrado em duas vozes, ora em terceira, ora em primeira, o que muitas vezes confunde o leitor, criando tensão e uma dupla perspectiva. Ao final, quando Calixto finalmente atravessa o portal, essa estrutura se mostra estratégica. Como num livro de memórias, Calixto vai abrindo várias “gavetas” e revendo objetos e momentos que foram importantes ao longo da vida. Essas memórias reconstróem o homem desfeito no decorrer do livro.

Ao entrar por outros caminhos em sua escrita, Ferréz mostra que o território vai além de uma condição geográfica. Da mesma forma que sofreu preconceitos de todos os tipos e ao mesmo tempo

apontou o dedo para as elites, foi abraçado por vários grupos que compraram a sua causa. Nesta nova fase, Ferréz corre o risco de sofrer novamente com a inversão dos olhares. Mas um autor que deseja expandir seu território não pode ter medo de se arriscar.